

Algumas observações sobre “aquilo que nos havia de acontecer!”: o espaço da pandemia

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.23.2>

Pedro Bandeira

Pedro Bandeira ([ORCID: 0000-0002-3120-9769](https://orcid.org/0000-0002-3120-9769)), arquiteto (FAUP 1996), é Professor Associado na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho e investigador do Lab2PT.

PANDEMIA: ACIDENTE?

Há duas expressões que se têm ouvido com alguma regularidade durante o tempo de pandemia que todos atravessamos: “aquilo que nos havia de acontecer!” e “nada será como dantes!”. Se a primeira revela alguma incerteza relativamente ao presente, a segunda expressão parece já evidenciar alguma certeza em relação ao futuro. O texto que aqui proponho desenvolver procurará contrariar o sentido de ambas expressões.

Durante muitos anos o arquiteto e urbanista Paul Virilio teorizou sobre a ideia de “acidente”¹ (a partir de Aristóteles e de Paul Valéry) para defender que a invenção da substância é também a invenção do acidente e para reforçar que a nossa consciência só existe, agora, para o acidente. Quer Virilio com isto dizer que a invenção do barco foi também a invenção do naufrágio. O acidente não é, por isso, um evento aleatório. Mas quer ainda dizer que toda a invenção se torna impercetível até que surja o acidente, e neste sentido a funcionalidade da invenção tende a permanecer fora da nossa consciência. A boa invenção é um instrumento que funciona automaticamente, tal como não precisamos de pensar em respirar para respirar e só damos conta disso quando nos falta o ar. Mas Virilio vai um pouco mais longe ao afirmar que a reprodução em série das mais diversas catástrofes (assunto tão estimado por ambientalistas e ampliado pela comunicação social), é também resultado da aceleração tecnológica e do progresso, o que está a tornar o acidente em si igualmente automático, passando a ser uma constância, e perdendo a sua função de tornar consciente a substância das coisas. Neste sentido, tudo se tende a confundir.

É por isso que afirmamos (entre espanto e lamento) “aquilo que nos havia de acontecer!” como se não tivesse já acontecido, ou que dizemos “nada será como dantes” quando tudo parece caminhar para o mesmo: um acidente contínuo, dissimulado, como a orquestra que persiste em tocar enquanto o navio se afunda.

Perseguindo o raciocínio de Paul Virilio (falecido em 2018), a pandemia é também um acidente, não casual ou inesperado, mas no sentido de algo que estaria

1 O culminar da investigação em torno do “acidente” tem expressão na exposição que Paul Virilio coordenou na Fondation Cartier pour l’Art Contemporain, em Paris, no ano de 2002.

destinado a acontecer como resultado de uma invenção precedente. Poderemos questionar que invenção estará na origem deste acidente, mas antes interessará referir que a pandemia seria, na definição de Virilio o “acidente integral”², resultado da falência de uma geopolítica perante a globalização ou, simplesmente, “o fim da geografia”³, o fim da relação espaço-tempo tal como a conhecemos provocada pela aceleração de uma sociedade estruturada, hoje, na comunicação e também na entropia fomentada pela velocidade e excesso de informação.

Temos assistido, neste tempo de pandemia e confinamento, ao surgimento de vários artigos que, de modo mais ou menos ingénuo, com mais ou menos conspiração, procuram uma leitura político-ideológica da situação. Entre a “culpa” desta crise pandémica ser, simplisticamente, do “comunismo” ou do “capitalismo”, começam também a surgir argumentos na defesa de que “nada será como dantes” procurando contrariar o lamento com um sentido de oportunidade.

O artigo “*Coronavirus is ‘Kill Bill’- esque blow to capitalism and could lead to reinvention of communism*”⁴, do filósofo esloveno Slavoj Žižek, ainda que apressado, defende que este é o momento para se pensar a pandemia como “um sinal de não podermos seguir o caminho em que estávamos até agora”. Propondo uma “mudança radical” e uma “sociedade alternativa”, defende a urgência em estabelecer uma coordenação eficiente e global, assente na solidariedade, que possa regular a economia e limitar a soberania dos estados-nação quando necessário. Esta ambição de coordenação global leva-nos a questionar se a solução de Žižek não assenta na mesma premissa que leva Paul Virilio a denunciar o fim da geografia. E se a globalização desejada por Žižek não é a mesma que o capitalismo exponenciou, ainda assim pode incorrer no risco de menosprezar a complexidade e a diversidade que ainda vão diferenciando sociedades e culturas.

2 Virilio, Paul (2002). *Unknown Quantity* (1st ed.). London: Thames & Hudson (p. 115).

3 Virilio, Paul (2002). *Unknown Quantity* (1st ed.). London: Thames & Hudson (p. 109).

4 Žižek, Slavoj (2010). “Coronavirus is ‘Kill Bill’-esque blow to capitalism and could lead to reinvention of communism”. *RT Question More*, consultado em <https://www.rt.com/op-ed/481831-coronavirus-kill-bill-capitalism-communism/>.

Na mesma linha de pensamento, no que refere ao sentido de oportunidade que implica a pandemia, também o arquiteto Stefano Boeri defende que estamos prestes a entrar numa nova era e num “novo modo de vida”, apesar das suas novas ideias serem já velhas: mais ecologia, menos energia fóssil. Entre a defesa de um regresso ao campo ou a construção de muros biológicos contra as pandemias, Boeri defende um articulado de ideias para uma nova cidade sustentável e autossuficiente do ponto de vista energético. A ilustrar as suas ideias refere o projeto *Forest City*⁵, que concebeu para a cidade de Liuzhou, na China, em 2016, e que tem a ambição de se assumir como um modelo que poderá ser, agora, implementado em Roma ou qualquer outro lado. Não se propõe aqui avaliar a eficiência do projeto-modelo pensado para 30.000 pessoas, 40.000 árvores e mais uma quantidade infindável de painéis solares e de transportes elétricos. Interessa-nos apenas questionar se este otimismo (para não dizer oportunismo), não será apenas mais uma expressão dos mesmos interesses capitalistas que nos trouxeram a globalização e a especulação imobiliária - o *marketing* está lá.

Entre Žižek e Boeri haverá seguramente grandes diferenças do ponto de vista político-ideológico, mas poderemos dizer que pelo menos ambos partilham o valor de uma sociedade acelerada pelo tempo da comunicação social, ambos partilham a precipitação que espelha a vulnerabilidade perante o assédio mediático, contribuindo, ainda que inadvertidamente, para a sociedade da informação (e desinformação), do consumo e do espetáculo. Ninguém está imune.

VÍRUS: CAPITALISMO?

Não é preciso ler muito para depressa se encontrar teses que associam a pandemia ao nosso desrespeito pela ecologia planetária. Em boa verdade, este é apenas mais um episódio de uma longa série com muitas temporadas: a poluição do ar e da água; os derrames de petróleo; as nuvens radioativas; o buraco do ozono; o degelo; a desertificação; a desflorestação; a extinção de animais; a agricultura intensiva; os alimentos transgénicos; a perda de biodiversidade; as alterações climáticas; os microplásticos, etc.

⁵ Informação extraída do *site* de Stefano Boeri. Consultado em: <https://www.stefano-boeri-architetti.net/en/project/liuzhou-forest-city/>.

As políticas de prevenção adotadas por vários países com mais ou menos severidade, acabaram por provocar um efeito algo inesperado: céus sem aviões, autoestradas sem carros, chaminés de fábricas sem fumo, ruas sem turistas... A redução temporária das emissões de gases de efeito estufa pode ter dado a impressão de que esta é a oportunidade para rever de forma radical o nosso modo de Vida. Slavoj Žižek acredita que esta pandemia afetará seriamente a indústria automóvel (a venda de carros baixou exponencialmente) e que nos porá a pensar em alternativas à “nossa obsessão por veículos particulares”⁶. Esperemos que sim, mas para já o que se assiste, em fase de desconfinamento, é à diminuição do uso dos transportes coletivos, não só pelo receio de contágio, mas por estes terem obrigatoriamente menor lotação devido às questões de distanciamento e segurança sanitária. Retomar políticas de incentivo de transporte público implicará do Estado um investimento extraordinário que garanta a sua qualidade (higiene, frequência, dispositivos de apoio, etc.). Para já, são as companhias de transporte aéreo que parecem reclamar, pelo menos no plano mediático, a maior atenção dos governantes. Neste momento, assistimos à discussão do papel do Estado no apoio à TAP (da qual o Estado detém 50%) e do seu contributo relativo à definição de rotas e destinos de interesse para o país, mas dificilmente se porá em cima da mesa a possibilidade de se desinvestir neste meio de transporte que tem um impacto ambiental muito acima de qualquer alternativa. O mais provável mesmo é que tudo volte à normalidade e que continuemos a pagar menos por uma viagem de avião Porto-Paris do que por uma de comboio Porto-Lisboa, não só porque os interesses económicos continuam acima dos interesses ambientais, mas também porque esta pandemia se prevê “severa mas temporária”⁷, ou seja, algo que urge superar sem grandes transformações.

O jornal *El País*⁸ noticiou que, só nas primeiras semanas do confinamento em Espanha, os níveis de dióxido de nitrogénio (um poluente derivado do tráfego automóvel)

⁶ Žižek, Slavoj (2010). “Coronavirus is ‘Kill Bill’-esque blow to capitalism and could lead to reinvention of communism”. *RT Question More*, consultado em <https://www.rt.com/op-ed/481831-coronavirus-kill-bill-capitalism-communism/>.

⁷ Previsões do *Programa de Estabilização Económica e Social*, resolução do Conselho de Ministros 41/2020, publicado em Diário da República nº110 de 6 de junho de 2020.

⁸ Planelles, Manuel “Dióxido de carbono na atmosfera continua batendo recordes apesar do confinamento” in *El País*, 22 de abril de 2020.

caíram para metade nas principais cidades, o que poderia ser entendido como um sinal de esperança de que alguma coisa estaria a mudar. Mas, segundo a Organização Mundial de Meteorologia (uma organização subsidiária da ONU) a descida prevista relativamente à produção de gases de efeito de estufa (como o dióxido de carbono), apesar de ser simbolicamente representativa (ronda os 5,4%), não será suficiente para diminuir as concentrações de gases na atmosfera. Será preciso fazer muito mais para que nada seja como dantes. Estaremos a aprender alguma coisa com a pandemia?

O filósofo Franco “Bifo” Berardi em “Crónica de la psicodéfación”⁹, admite dois cenários, ambos realistas, tendendo o seu otimismo para o segundo: “Não podemos saber como sairemos da pandemia, cujas condições foram criadas pelo neoliberalismo, por cortes na saúde pública, por hiper-exploração nervosa. Nós, definitivamente, poderemos sair sozinhos, mais agressivos e competitivos. Mas, pelo contrário, poderemos sair com grande desejo de abraçar a solidariedade social, o contato, a igualdade. O vírus é a condição de um salto mental que nenhuma pregação política poderia ter produzido. A igualdade voltou a estar no centro da cena. Vamos imaginá-la como o ponto de partida para o tempo vindouro”.

A grande esperança manifestada por vários intelectuais relativamente à crise pandémica, expressa no sentimento de que “nada será como dantes”, assenta na ideia de que “não queremos voltar à normalidade, porque a normalidade era o problema”¹⁰. Seria mais prudente defender que nada deveria ser como dantes, mas no início do confinamento, com o encerramento de serviços e comércio, de centros comerciais, das escolas e universidades, com o recuo do turismo, a queda da bolsa, a suspensão do campeonato de futebol, os parques e praias inacessíveis, tudo ficou em suspenso e muitos procuraram ver neste acontecimento “sem precedentes” a oportunidade capaz de, finalmente, contrariar o poder global do capitalismo e o seu inevitável efeito cego e destruidor. Mas, quanto mais aprofundado é o argumento de que a culpa da invenção da pandemia é do capitalismo (ou das pandemias precedentes: são muitas, desde a revolução industrial

9 Berardi, Franco “Bifo” (2010) “Crónica de la psicodéfación” in *Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo en tempos de pandemias*, (Ed. Pablo Amadeo ed.). ASPO, p. 54.

10 Ver o livro amplamente divulgado nas redes sociais: *Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo en tempos de pandemias*, (Ed. Pablo Amadeo ed.). ASPO (2020).

aos nossos dias¹¹), mais evidente se torna que o capitalismo e o seu inevitável efeito destruidor é um vírus em si, global e perene, porque eficazmente mutável, para o qual não parece haver qualquer vacina, como comprova a contaminação, algo improvável, do próprio regime instaurado pelo Partido Comunista Chinês.

As semanas de confinamento, apesar de terem introduzido uma alteração dos hábitos quotidianos, não deixaram transmitir a ideia, paradoxal, de que nada estaria a mudar, “vamos ficar todos bem” (excetuando o meio milhão de mortos¹²), o que nos permite afirmar que “alguma coisa tem de mudar para que tudo fique na mesma”. Parte deste pessimismo advém de um raciocínio simples: quem está a lucrar mais com as medidas de confinamento ou condicionamento da normalidade?

O teletrabalho, o ensino à distância, o entretenimento, a aquisição de produtos *online*, são tudo fatores que estão a beneficiar empresas multinacionais e multimilionárias como a *Netflix*, *Vodafone*, *Zoom*, *Amazon*, *Uber*, *Facebook*, *YouTube*, *Spotify*, *Instagram* ou *TiKTok* (já para não falar da indústria farmacêutica ou dos serviços de saúde privados). Evidentemente, nem todas as multinacionais serão privilegiadas pela pandemia, mas, uma coisa é certa, dificilmente esta pandemia contribuirá para atenuar desigualdades económicas e sociais. Um estudo recente do FMI comprova que pandemias anteriores (como o SARS em 2003, H1N1 em 2009, Ébola em 2014, ou o Zika em 2016) “prejudicaram de forma mais acentuada as pessoas com rendimentos mais baixos e conduziram a um agravamento da desigualdade pelo menos durante os cinco anos seguintes”.

Sabemos hoje que as populações mais carenciadas, os bairros mais pobres, as comunidades mais precárias, estão a ser muitíssimo mais afetadas pelo vírus do que a população com melhores condições económicas. O que contraria a tese de Slavoj Žižek

11 Recomendamos o artigo “contágio social: guerra de classes microbiológica na China” do Coletivo Chuang (2020). Consultado em: <https://www.buala.org/pt/jogos-sem-fronteiras/contagio-social-guerra-de-classes-microbiologica-na-china>. Grande parte deste artigo tem como referência o livro *Big Farms Make Big Flu: Dispatches on Infectious Disease, Agribusiness, and the Nature of Science* de Rob Wallace (Monthly Review Press, 2016).

12 Dados disponíveis pela Johns Hopkins University a 28 de junho de 2020. Consultado em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>.

de que o vírus é “democrático”, e de que “estamos todos no mesmo barco”¹³. Não estamos. Até na próspera Suécia, país onde as políticas de confinamento foram leves, se verificou que a comunidade de imigrantes, sem escolaridade (e, portanto, sem literacia tecnológica) é a mais afetada pela pandemia, pois são aqueles e em cujo trabalho proletário não pode ser efetuado à distância e em que aumenta a probabilidade de contágio, não só pela partilha de transportes, mas também pela partilha numerosa de habitação. O mesmo se pode dizer da situação em Portugal onde um acentuado número de trabalhadores imigrantes foram contaminados, em grande parte devido às condições precárias em que vivem e em que se deslocam (veja-se o caso de trabalhadores da agricultura em Odemira, das zonas industriais da Azambuja ou ainda de bairros sociais ou clandestinos na periferia de Lisboa). No Brasil o mapa da contaminação discrimina claramente as populações mais carenciadas e também as minorias étnicas. O jornal *El País* noticiava que entre os dez Estados com maior incidência da pandemia, oito têm as maiores taxas de habitação precária e que, cidades como Manaus em que metade da população vive em favelas,¹⁴ as pessoas são duplamente sacrificadas: a aglomeração de moradias favorece a disseminação da doença; a suspensão das atividades baseadas na frágil economia quotidiana, resultante do confinamento, põe em causa a sua sobrevivência¹⁵.

O aumento exponencial do desemprego criará num futuro próximo condições ainda mais precárias de trabalho (até mesmo instituições culturais de gestão privada, mas que dependem do financiamento público, como Serralves ou a Casa da Música no Porto, são notícia por ignorarem os problemas dos colaboradores que constituem o seu serviço educativo ou técnico). Muito provavelmente, mais pessoas serão empurradas a abdicar de certas reivindicações sociais. Haverá também, seguramente, empresas das

13 Aníbal, Sérgio “FMI deixa alerta para o presente: pandemias do passado deixaram os pobres ainda mais para trás” in *Jornal Público*, 11 de maio de 2020.

14 Jornal *El País*, 22 de maio de 2020.

15 São muitos os artigos de jornal que têm denunciado como as assimetrias sociais influenciam diferentemente a propagação do vírus, ver por exemplo: “Favelas em tempo de coronavírus: a peste da desigualdade” (*Jornal Público*, 4 de abril); “As Coronavirus Deepens Inequality, Inequality Worsens Its Spread” (*New York Times*, 15 março); ou ainda “Com mais de cinco milhões de infeções, desenvolvimento humano está em retrocesso” (*Jornal Público*, 22 de Maio).

mais variadas dimensões que poderão não resistir à crise económica que se prevê (as empresas ligadas ao setor do turismo, restauração, indústria têxtil, etc.) criando ainda mais desemprego¹⁶. A questão social será determinante para repensar o papel do Estado e da *Res publica*. Pode ser que o Estado saia mais reforçado desta situação e que se lhe reconheça a importância que tem na justa relação de deveres e direitos para com os cidadãos. Pode ser que deixe de ser apenas a entidade a que se recorre em tempo de crise e se repudia em tempos de bonança como infelizmente tem acontecido na relação com a banca - o resgate é pago por todos, o lucro é privilégio de apenas alguns. Para já, tudo parece indicar que esta pandemia será mais uma oportunidade para o capitalismo se reinventar, procurando ainda mais eficiência (aproveitando a aprendizagem coletiva da virtualização das relações de pessoas e bens) e austeridade: “mais com menos” uma expressão irónica do arquiteto Pier Vittorio Aureli (a lembrar “menos é mais” atribuída a Mies van der Rohe) referindo-se a “mais trabalho por menos dinheiro, mais criatividade com menos segurança social”¹⁷.

Pode ser ainda que a crise pandémica, com toda a ansiedade social, seja o pretexto que alguns governos encontrem para reforçar o seu lado autoritário, vigiando e condicionando a liberdade dos cidadãos, como alerta o filósofo Giorgio Agamben no seu artigo “La invención de una epidemia”¹⁸ (que só peca por subestimar, como o próprio título esclarece, a dimensão da pandemia): “assim, num círculo perverso e vicioso, a limitação da liberdade imposta pelos governos é aceite em nome de um desejo de segurança, induzido pelos governos que agora intervêm para satisfazê-lo”¹⁹. O caso chinês de controlo da localização por telemóvel de doentes COVID-19 ou respetiva aproximação a doentes, pode ser apenas a ponta do iceberg no controlo de dados e

16 Previsões do *Programa de Estabilização Económica e Social*, resolução do Conselho de Ministros 41/2020, publicado em Diário da República nº 110 de 6 de junho de 2020: Quebra acentuada da atividade económica mundial só encontra paralelo com a Grande Depressão de 1929; PIB na zona euro a contrair-se cerca de 7,7%; desemprego a rondar os 9,6%; prevê-se ainda uma redução das exportações portuguesas em cerca de 15,4%.

17 Aureli, Pier Vittorio (2016) *Menos Es Suficiente*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 11.

18 Agamben, Giorgio (2020). La invención de una pandemia in *Sopa de Wuhan* (Ed. Pablo Amadeo ed.). ASPO (2020), p. 17.

19 Agamben, Giorgio (2020). La invención de una pandemia in *Sopa de Wuhan* (Ed. Pablo Amadeo ed.). ASPO (2020), p. 19.

liberdades pessoais²⁰. Paradoxalmente, não parecemos ter pudor em entregar, de mão beijada, a uma qualquer empresa privada estrangeira que nos ofereça uma *app* a troco de um serviço “gratuito”, esses mesmos que queremos proteger ou salvaguardar perante a ameaça de um Estado controlador. Mas “não há refeições grátis”, há muito que esse controlo se dissimula nos algoritmos que o capitalismo inventou para nos vender muita coisa que nem suspeitamos precisar.

É possível que o capitalismo se reinvente de uma maneira mais elaborada, fugindo voluntariamente “da trajetória de consumo exponencial em direção ao abismo sem saída”²¹, perseguindo, como já tinha iniciado, uma linha de produtos “verdes” ou “biológicos” - quanto mais não seja, porque as consequências de uma falência ambiental, a par com uma instabilidade social, não são propícias nem ao consumismo nem à estabilidade que o mercado exige!

Mas para não cair no simplismo de dizer que tudo é culpa do capitalismo (*You don't hate Mondays, you hate capitalism!*), procuremos então centrar a nossa atenção nas implicações que a pandemia tem e terá no uso do espaço público e doméstico, não sem antes divagar um pouco mais pelos caminhos do confinamento.

CONFINAMENTO: AUTOSSUFICIÊNCIA?

Para as gerações mais velhas, a ideia de confinamento não é nova e teve motivos diversos subjacentes. Nos EUA, no início dos anos 60, durante a administração do presidente Dwight D. Eisenhower e sob a propaganda da agência federal da defesa civil (FCDA), foram construídos 60.000 *bunkers* privados para acolher famílias no caso de um ataque nuclear dos soviéticos. Com a crise dos mísseis de Cuba, em 1962, o número de *bunkers* aumentou para 200.000, todos eles equipados com comida enlatada para

20 Sobre o assunto das tecnologias de vigilância e do controlo governamental sobre cidadãos em tempo de pandemia aconselhamos o artigo de Yuval Noah Harari “The world after coronavírus” publicado no *Jornal Financial Times* a 20 de Março de 2020. Consultado em: <https://www.ft.com/content/19d90308-6858-11ea-a3c9-1fe6fedcca75>.

21 Expressão de Maria Manuel Oliveira, a quem agradeço os vários contributos ao desenvolvimento deste texto.

garantir a autossuficiência da família pelo menos por quinze dias²². A eficiência deste cenário de defesa é questionável, mas demonstra o empenho gerado pelo medo social da ameaça nuclear, ou melhor, do comunismo. Na Feira Mundial de Nova Iorque de 1964, a empresa Underground World Home Corp comercializava, como o próprio nome indica, casas subterrâneas com o intuito de garantir segurança, privacidade, mas também um controlo climático. Um dos fundadores desta empresa, Girard B. “Jerry” Henderson, construiu para si, em Las Vegas, em 1970, uma casa subterrânea tão luxuosa quanto *kitsch*, onde não faltam simulações de paisagens bucólicas, grelhadores em forma de pedra, fontanários ou árvores de plástico. Curiosamente, o propósito desta casa já não era só a defesa perante a ameaça soviética, mas também a defesa em relação ao próprio governo americano. Escreve Girard B. “Jerry” Henderson no seu livro *Turn the Clock Back Sam*: “As pessoas prosperam quando estão livres e se deterioram quando se rendem a um governo poderoso. Eu assisti às mudanças do nosso país nos últimos setenta anos. A inconfundível tendência neste país é em direção a um governo central mais forte, com mais e mais impostos e, acima de tudo, menos liberdade”²³. Esta é também uma forma de “anarquia”, profundamente enraizada na cultura americana, um contrapoder do indivíduo em relação ao Estado, expresso na desconfiança, conspiração e na reivindicação do direito constitucional de autodefesa e da posse de armas (Segunda Emenda).

No lado oposto (na outra ponta da ferradura), mas igualmente próximo de uma cultura de liberdade radical em relação ao Estado, a contracultura hippie procurava na autossuficiência a sua independência comunitária estruturada numa existência ecológica que deveria ter reflexo na alimentação e na produção energética, o que levou muitos a experimentar uma utopia regressiva, voltando à “natureza” e ao “campo” deixando para trás a cidade “capitalista” ou “burguesa”.

Este regresso ao campo (98% da superfície da terra onde vive atualmente menos de metade da população da Terra), tem surgido ao longos dos tempos como modelo

22 Pruitt, Sarah (2020). “At Cold War Nuclear Fallout Shelters”. *History Chanel*. Consultado em: <https://www.history.com/news/cold-war-fallout-shelter-survival-rations-food>.

23 “Chez Armageddon: The 1970s Cold War Bunker Deep Below Las Vegas” (2018). *Flashbak*. Consultado em: <https://flashbak.com/chez-armageddon-the-1970s-cold-war-bunker-deep-below-las-vegas-404820/>.

alternativo às grandes cidades²⁴, como se estas não tivessem ficado grandes, paradoxalmente, com a fuga das pessoas para o campo. Experiências como a Drop City (1965-70) no Texas, uma pequena aldeia de estruturas geodésicas inspiradas por Buckminster Fuller, com materiais reciclados e energias renováveis, ou o complexo edificado (mas não concluído) de Arcosanti no Arizona, desenhado pelo arquiteto italiano Paolo Soleri, evidenciam, cada uma à sua maneira (deveremos salvaguardar a diferença relativa à escala e tecnologia construtiva), um certo romantismo em torno da autossuficiência, seja ela energética ou alimentar. Nunca foi fácil sobreviver daquilo que se planta ou dos animais que se criam, nem mesmo para produzir unicamente o que se consome. Devem ser raros os casos de comunidades em que uma verdadeira autossuficiência perdure e, a existir essa comunidade hoje, não a poderemos conhecer, porque a partir do momento que a conhecermos significará, muito provavelmente, que já deixou de ser autossuficiente. É este o problema maior do “fim da geografia”, tudo tem uma relação de dependência, ninguém se pode esconder, e mesmo aqueles que sempre sobreviveram “confinados” (agora no sentido de estar naturalmente isolado do resto do mundo, como algumas tribos das Filipinas ou da Amazônia) veem agora o seu modo de vida alterado, ou mesmo em risco, por pressões que lhes são externas²⁵. Tudo está ligado e, consequentemente, também a dicotomia cidade-campo há muito que deixou de fazer sentido. Ironicamente, poderíamos afirmar que a autossuficiência já não é possível sem que se compreenda a complexidade do todo. Pouco adianta aliviar a nossa má-consciência ecológica adquirindo um carro elétrico se não tivermos noção dos custos inerentes à extração de lítio no outro lado do mundo. Nunca a consciência ecológica de que tudo está relacionado num mundo sem geografia fez tanto sentido, para o bem e para o mal. Consequentemente, afirmamos que não há confinamento possível. E aqui surge a mais

24 Sobre este assunto aconselha-se a leitura de Marot, Sébastien (2019). *Taking the Country side: Agriculture and Architecture*. Edição Trienal de Arquitetura de Lisboa.

25 Lembramos a este propósito Jean Baudrillard sobre a tribo Tasaday das Filipinas que foi, alegadamente, em 1971, devolvida à selva para que estivesse protegida das doenças, dos colonos, dos turistas ou até dos etnólogos: “o índio assim devolvido ao ghetto, no sepulcro de vidro da floresta virgem, volta a ser o modelo de simulação de todos os índios possíveis *de antes da etnologia* (...) selvagens que devem à etnologia o serem ainda selvagens (...). Ver *Simulacres et Simulation* (1981), Paris: Éditions Galilée. Infelizmente as questões colocadas por Baudrillard já nem sequer se colocam quando territórios indígenas estão sob a pressão de interesses económicos, como se vê, por exemplo, no desmantelamento da floresta amazónica.

inquietante expressão da pandemia: a necessidade de “distanciamento social” que se traduz em: dois metros ou *wi-fi*.

No seu livro *Menos é Suficiente*, Pier Vittorio Aureli, propõe opor ao modelo capitalista de uma sociedade assente na acumulação de bens e propriedade privada (em que as cidades se estruturam na habitação unifamiliar) um modelo de sociedade estruturado na ideia de uma maior partilha e menor sentido de posse (de onde possam emergir novos modelos de habitação coletiva como o *co-housing*). O teor marxista da sua tese não deixa dúvidas: “decidir suficiente (em lugar de mais) significa redefinir o que realmente precisamos para viver uma boa vida, isto é dizer, uma vida desapegada do valor social da propriedade, da ansiedade da produção e da posse e onde *menos* significa simplesmente *suficiente*”²⁶. A partir das referências explícitas à ideia de “indivíduo social” (Karl Marx) ou à “distribuição equitativa da pobreza” (Bertolt Brecht), Vittorio Aureli defende, sem ironia, que a pobreza liberta na condição que a ausência de propriedade individual possa ser compensada por um modo de vida de partilha coletiva. Independentemente de suspeitarmos da harmonia social necessária para a concretização de tal utopia, sublinhamos o sentido crítico de *Menos é Suficiente* perante uma sociedade que produz ferozmente em excesso, ignorando as consequências que isso acarreta do ponto de vista social e ambiental. Curiosamente alguns dos mais bem-sucedidos exemplos de habitação coletiva em sistema de *co-housing* (ver por exemplo o caso dos projetos *La Borda* em Barcelona, *More than Housing* em Zurique, ou *Star Apartments* em Los Angeles, com uma percentagem expressiva de área dedicada à partilha de espaços comuns: como cozinhas, lavandarias, salas de reunião, ginásio ou jardins²⁷) surgem sob a forma de cooperativa ou fundação com financiamento público e privado, afastando-se claramente do modelo da habitação social preconizado pelos estado-providência. Independentemente desta questão, eminentemente política, o que nos preocupa é que este modelo de *co-housing* é, do ponto de vista tipológico ou espacial, mais difícil de gerir perante a exigência de distanciamento social. O que de certa maneira tememos é que a pandemia obrigue a um retrocesso nestas experiências incentivando

26 Aureli, Pier Vittorio (2016). *Menos Es Suficiente*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 80.

27 Expressão de Maria Manuel Oliveira.

a construção da habitação unifamiliar, mas também poderá acontecer o contrário: que estas experiências impliquem uma maior responsabilização e coordenação da vida social e coletiva. É isso que esperamos, é sobre isso que teremos de dar maior atenção, começando por encontrar soluções para os problemas que nos sejam mais próximos, cuja resolução esteja ao alcance de cada comunidade. Isto não quer dizer que se ignorem os problemas globais e absolutamente transversais, mas sim que se deve acreditar que pequenas coisas podem fazer diferença (a escolha de determinado caixilho de janela pode contribuir para o combate do desmatamento da Amazônia).

Assim, e voltando à ideia de confinamento, várias questões se colocam: poderemos começar por argumentar que não haverá confinamento possível enquanto perdurar o “fim da geografia” num mundo cuja globalização económica acabou por evidenciar a necessidade de um pensamento ecológico ao nível planetário - tudo está ligado. Poderemos, perante todas as adversidades de um mundo complexo procurar um confinamento artificial, a construção de uma bolha, ilusoriamente autossuficiente, que nos ofereça a imagem de isolamento perante o mundo. Mas poderemos também pensar a ideia de confinamento como algo que sempre esteve presente (mas tantas vezes esquecido) na relação entre cidadão e cidade, entre direitos e deveres. Neste sentido, o confinamento é em primeiro lugar um gesto de cidadania, demonstração de respeito mútuo, de responsabilidade social, mas pode ser também um momento de introspeção, de tempo que nos permita refletir sobre a essência das coisas, daquilo que nos é verdadeiramente importante. Este tempo estava a escapar-nos por entre os dedos das mãos.

CURA: NORMALIDADE?

Os alunos que hoje frequentam a Universidade do Minho nunca experimentaram uma aula de projeto em que metade da turma está a fumar com a conivência do professor, também ele fumador. Quantas vezes se acordava a sentir o cheiro do tabaco entranhado na roupa, deixada no chão do quarto, do dia anterior? Antes da proibição de fumar em locais públicos fumava-se em todo o lado (e ninguém iria recriminar um pai que puxasse um cigarro no hospital após ter assistido ao parto do seu filho). Hoje, ainda que haja exceções, a par com a proibição, emergiu uma consciência autorreguladora que exprime também um maior respeito pelos outros, o que empurrou

o fumador doméstico para a marquise, janela ou varanda em estranha competição com o telemóvel. Grande parte dos fumadores aproveitaram as restrições legais para deixar de fumar, conscientes das consequências nefastas que o tabaco tem para a saúde, mas dificilmente se esqueceram do prazer de fumar. Os hábitos mudam, adaptamo-nos, ainda que com nostalgia.

A sociedade tem evoluído no sentido de uma higienização coletiva. Já não se encontram tantas beatas de cigarro no espaço entre os paralelepípedos de granito da paragem de autocarro ou enterradas à superfície da areia da praia. Também já não se cospe tanto para o chão, só muito pontualmente se vê um senhor de idade a urinar contra um contentor de lixo (porque, paradoxalmente, acabaram com os sanitários públicos), ou um mendigo a vasculhar o que está no seu interior. Apanham-se os excrementos dos cães com um saco de plástico publicitado como reciclável enquanto se “gosta” de um pão com gengibre ou pimenta preta, com sete dias de fermentação natural, no *Instagram*.

Que impacto terá então esta pandemia nos nossos hábitos de vida? E por quanto tempo? Há um fator que não poderemos menosprezar e que dificilmente se explica dentro de uma racionalidade cartesiana. A probabilidade de se morrer em Portugal no contexto desta pandemia é de 0,015%, à data deste parágrafo (7 junho), pelo que, racionalmente, não deveríamos ter qualquer receio. A probabilidade de se acertar no Totoloto é de 0,00000715%, mas isso não impede os milhares de jogadores de ter esperança em ganhar. A vida parece ser, para muitos, um jogo de sorte e azar. Este fator indeterminado, entre o receio e a esperança, dificulta pensar um cenário pós-pandémico, mas poderemos fazer hoje um balanço do que a pandemia já alterou nos nossos hábitos quotidianos para que, a partir daí, possamos pensar nas consequências espaciais.

Mas não se espere nada de radical do ponto de vista arquitetónico. A casa e as cidades transformam-se, adaptam-se, mas mantêm uma essência platónica que poderíamos considerar perene (a ideia de sentar persiste para lá do desenho da cadeira). O confinamento doméstico deu maior visibilidade à importância de espaços como o *hall* de entrada que, frequentemente, passou a ter zonas distintas e preparadas para aprisionar sapatos ou roupa usados na rua, ou para receber objetos ou produtos em quarentena. O escritório, ou algo improvisado como tal, passou a ser um lugar privilegiado para o teletrabalho ou ensino à distância, sempre que possível adornado com uma prateleira de

livros para garantir que nos levam a sério. As varandas ou pátios passaram a ter também outra importância, e sempre que possível serviram de alternativa ao espaço dedicado às refeições. Claro que, quanto maior for a área disponível, mais fácil será lidar com o confinamento, mas a área também é importante para flexibilizar a apropriação do espaço. Quantos de nós não alteraram a disposição de móveis para acompanhar uma aula de *cardio-workouts-for-beginners-whatever* ou simplesmente para quebrar a monotonia das horas intermináveis que passámos em casa? Mas tudo isto (associado a questões como uma boa exposição solar, boa ventilação natural, conforto térmico, boa localização, baixo consumo, pouca manutenção...) são características que já reconhecíamos na qualidade da arquitetura pré-pandemia. Que casa desejaríamos ter pós-pandemia? Provavelmente casas novas, melhores e maiores, para que os vários membros do coletivo doméstico possam também ter mais espaço partilhado e individual. Até aqui nada de novo. A questão é saber se poderemos continuar a ignorar que aquilo que muitas vezes desejamos não é, necessariamente, o que é melhor para o planeta. Como afirma a artista contemporânea Jenny Holzer: “protege-me daquilo que eu quero”. Mas se esta é a inquietação expressa pelo “confinamento burguês” (um luxo a que poucos se podem dar), o que dizer do desequilíbrio social que se expressa, desde logo, na precariedade habitacional? “Fica em casa” era a frase de ordem, mas já temos todos casa? Em que condições?

Ao nível das cidades, durante a pandemia houve mudanças radicais. A imagem do Papa Francisco durante a bênção pascal *Urbi et Orbi* com a praça de São Pedro completamente vazia vai ficar na memória por muito tempo. O espaço público esvaziou-se de pessoas e, durante os próximos tempos, também não se imagina um regresso em massa do turismo²⁸. Esta poderia ser a oportunidade para inverter alguns processos de gentrificação e retomar preços mais justos de arrendamento do que aqueles que decorreram da especulação imobiliária, da construção de hotéis e da oferta do alojamento

28 Estamos conscientes que esta será uma situação temporária, o regresso do turismo prevê-se e deseja-se, sobretudo por questões económicas. Até lá não deixaremos de reconhecer, como António Guerreiro tão bem expressa na crónica “As cidades invíveis” (*Jornal Público* 12 de junho de 2020), o privilégio egoísta de viver uma cidade longe do espetáculo indiscreto, exibicionista, quase obsceno, que o negócio do turismo proporcionou. Sobre os tempos vindouros remata António Guerreiro: “Agora que se anuncia a difusão do teletrabalho, as cidades só vão servir para a *flânerie* turística. O capitalismo as inventou, o capitalismo as extingue”.

local. Até agora não houve um desagravo que se possa considerar significativo quer dos preços de rendas, quer da venda de casas.

Seria igualmente importante para as cidades recuperar a confiança no uso dos transportes públicos para evitar que o medo de contaminação nos faça regressar ao automóvel particular (mesmo que elétrico). Mas a pandemia também pode estimular a tendência, que já existia antes, no uso de transportes alternativos como bicicletas, skates ou trotinetas. Para que isso aconteça, seria necessário que houvesse uma política pública que criasse condições de segurança para esses meios de transporte complementares. Mas dificilmente poderemos dispensar, pelo menos nas grandes cidades, uma rede de transportes públicos que articule metro com comboios e autocarros. Harmonizar os meios de transporte com o espaço do peão também poderia ser uma prioridade, os passeios das cidades estão muitas vezes subdimensionados e aumentar a sua largura dispersaria a concentração de pessoas. Interessaria ainda conquistar mais espaço para esplanadas, jardins e, eventualmente, fechar algumas ruas ao trânsito, nem que fosse de modo alternado, para atividades de carácter informal ou espontâneo. Evitar grandes ajuntamentos como aqueles que se assistem em centros históricos ou zonas comerciais pode levar pessoas a descobrir zonas de cidades antes ignoradas, pode trazer mais vida a cada bairro, diluindo a dicotomia entre cidade visível e cidade invisível. A vantagem de se ter experimentado uma situação extrema na relação (ou ausência dela) com o espaço público é que haverá, seguramente, mais disponibilidade para experimentar soluções mais arrojadas no âmbito da sua apropriação.

Haverá, ainda e sempre, a questão dos grandes eventos públicos, como festas populares, festivais de música, desporto, comícios políticos, praia, etc. Poderemos nós abdicar de nos sentirmos parte de um todo, ainda que por breves momentos, de partilhar uma cerveja, um refrão, uma vitória, um slogan, um protetor solar? Aguardaremos que tudo regresse à normalidade - àquilo que é perene nas relações sociais, na apropriação do espaço público ou coletivo, à troca, à partilha, ao conflito, ao compromisso. O que não quer dizer que o regresso à normalidade se faça de um modo acrítico e indiferente, alguma coisa teremos de aprender com a pandemia.

A normalidade a que nos referimos será, seguramente, outra. Quanto mais não seja porque a normalidade só existe na sua dimensão abstrata, genérica, e essa

normalidade estará sempre sujeita às dinâmicas próprias que o tempo nos impõe. Mesmo que quiséssemos, não poderíamos voltar atrás. A questão que se coloca é a de que normalidade queremos enquanto indivíduos, enquanto sociedade. O período de confinamento, de estado de emergência, produziu uma alteração radical dos nossos hábitos de vida, ainda que de modo efêmero. Se ao princípio fomos todos apanhados desprevenidos, e tomados por um sentimento de incerteza e insegurança, inerente à interrupção do quotidiano (*métro, boulot, dodo*), em tempo de desconfinamento, começou-se a ganhar esperança no regresso à normalidade, mas estamos todos um pouco mais atentos, menos temerosos, arrisca-se mais, e já não se pode falar em ignorância. Não faltam pessoas a desafiar os conselhos da Direção-Geral da Saúde preferindo morrer do vírus do que morrer do tédio. No dia 17 de junho, o Nápoles ganhou a Taça de Itália contra a Juventus de Cristiano Ronaldo. Milhares de cidadãos saíram à rua para comemorar a vitória. A Organização Mundial de Saúde descreveu o festejo como um ato de “irresponsabilidade” num país onde morreram cerca de 35.000 pessoas. A câmara municipal declarou, rendida e em defesa dos napolitanos que “ganhou o contágio da felicidade” - o que não deixa de ser uma declaração absurdamente romântica. Mas, afinal, não é isso que, ainda, nos distingue das máquinas: sobrepôr, tantas vezes, a emoção à razão? Uma coisa é certa, a normalidade será sempre o resultado do consenso possível, que todos nós, individualmente, procuraremos sempre contrariar, com mais ou menos convicção - a eterna batalha entre um determinado contexto social e a personalidade individual.

CONVALESCENÇA EM DOIS TEMPOS

Aceleração. Continuaremos vertiginosamente dependentes do progresso tecnológico no sentido de virtualizar a nossa existência até conseguirmos um impacto ambiental zero. Uma imaterialidade próxima de deus. Telecomunicações, teletrabalho, ensino à distância, consumo *online*. Algoritmos cada vez mais complexos irão procurar definir os nossos desejos, sentimentos, controlar os nossos movimentos, desfazer os nossos horários, orientar-nos, fazer-nos sentir mais seguros. Eventualmente até felizes. Esta aceleração, no limite, poderá levar a uma desmaterialização de quase todos os objetos que temos e proporcionará uma liberdade extrema e um sentido de deriva virtual. Nada nos prenderá, nada haverá para queimar. A casa não precisará ser maior do que

o tamanho de um quarto de hotel. Cada pessoa terá apenas o seu *drone* (em forma de peluche) que mandará à rua para ver se está a chover, como se ele não o soubesse previamente. Todos serão amigos de todos, todos serão inimigos de todos (é indiferente). O pequeno-almoço será composto por comprimidos com as três cores da bandeira francesa. A casa estará sempre aspirada e sem pelos de gato. Pontualmente, o alarme tocará obrigando-nos a usar máscara. Aprenderemos a sorrir com os olhos.

Desaceleração. Procuraremos no progresso tecnológico uma forma de libertação. Teremos mais independência económica sem que isso implique ter mais recursos financeiros. Consumiremos menos, trabalharemos menos, viajaremos menos. Andaremos descalços no chão de parquet. Sentiremos o cheiro da terra molhada entrar pela porta da cozinha e, de vez enquanto, à temperatura precisa de 26º centígrados, pegaremos num carro (que até pode ser a gasolina), para conduzir por uma estrada secundária, abrir as janelas e ouvir bem alto *You can't always get what you want*. Iremos ao cinema a meio da tarde sabendo que o mesmo filme está disponível em *streaming*. Plantaremos qualquer coisa (um botão de cato), “ensinaremos o alfabeto a uma planta”, “explicaremos imagens a uma lebre morta”²⁹. Saberemos esperar. Cozinharemos mais, para poucos amigos. Acordaremos a meio da noite para desfrutar do silêncio da cidade. Aprenderemos a viver com alguma melancolia, mas sem arrependimentos. Pensaremos ir a Marrocos sem nunca chegar a ir. Que seja breve. Paremos de escrever...

29 Duas expressões roubadas ao título das obras de arte de John Baldessari (*Teaching a Plant the Alphabet*, 1972) e Joseph Beuys (*How to Explain Pictures to a Dead Hare*, 1965).



Bunker em Las Vegas (1970) projeto de Girard B. “Jerry” Henderson.